

Faculdade Santa Marcelina

Lucas De Paola de Sá

**A questão de gênero na canção popular brasileira:
agência social através do fazer musical**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão da pós-graduação lato sensu Canção Popular: criação, produção musical e performance sob orientação do Prof. Ms. Paulo Menotti Del Picchia.

São Paulo
2017

A questão de gênero na canção popular brasileira: agência social através do fazer musical

Lucas De Paola de Sá (Faculdade Santa Marcelina)

Resumo: Este trabalho busca discutir a questão de gênero na canção popular brasileira, tendo em vista o grande destaque que artistas do universo LGBT vêm obtendo na cena musical contemporânea. Dentre essas artistas, selecionei as cantoras Assucena Assucena e Raquel Virgínia da banda As Bahias e a Cozinha Mineira, Liniker e Mc Linn da Quebrada, pela relevância adquirida nos meios de comunicação (tvs, rádios, jornais, revistas e redes sociais). Buscando apontar, na atual efervescência do debate de gênero em nossa sociedade, como o fazer musical serviu de ferramenta para a afirmação social dessas artistas, tendo como base entrevistas, fonogramas e vídeos no YouTube.

Palavras-chave: Questão de gênero. LGBT. Queer. Canção popular. Afirmação social.

1 – Introdução

Esse artigo nasce a partir do meu interesse pela canção popular brasileira, enquanto músico e produtor musical, e por todo o tipo de comportamento e criação/expressão que fuja de classificações normativas pré-estabelecidas. Comecei a minha aproximação à música ainda pequeno, tendo como primeiras referências bandas de rock e artistas como Jamiroquai e Michael Jackson.

Por volta dos meus 13 anos, com o objetivo de formar uma banda com os amigos de escola, comecei a estudar contrabaixo elétrico numa escola do meu bairro e desde então o meu horizonte musical começou a se expandir, deixando algumas daquelas bandas de rock de lado para imergir no universo de sons, sentidos e significados da canção popular brasileira, passando por Caetano Veloso, Chico Buarque, Clube da Esquina, Gilberto Gil, Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção, Tetê Espíndola, Elis Regina, Gal Costa e muitos outros nomes. Nesse processo, fui notando que a música poderia ser muito mais do que uma linguagem de expressão artística, mas também uma maneira de se colocar no mundo e se posicionar politicamente, percebendo também, infelizmente, que o ambiente musical, ainda hoje, é extremamente machista e segregador.

Após terminar o colégio, iniciei meus estudos num grande conservatório do Estado de São Paulo, no curso de música popular, onde me frustrei imediatamente ao constatar que o ensino de música naquele local quase que se limitava exclusivamente à excelência técnica, deixando de lado toda a expressividade e semântica que existe na canção brasileira, trabalhando a música dentro de um viés muito americanizado, quadrado. Essa frustração

sempre me causou inquietação, o que me levou mais tarde, após me formar em Produção Musical pela Universidade Anhembi Morumbi, a me matricular no curso de Pós-Graduação em Canção Popular pela Faculdade Santa Marcelina, criado e coordenado pelo grande músico Prof. Dr. Sérgio Molina.

Durante o curso (2016) comecei a me interessar bastante pela questão de gênero através de artistas que vinham surgindo e se destacando na cena musical brasileira, como As Bahias e a Cozinha Mineira, Liniker e Mc Linn da Quebrada, avaliando o que acontecia como o surgimento de um grande movimento artístico/político de afirmação social e enfrentamento às violências enfrentadas ao longo da vida de quem não se enquadra no binarismo compulsório de gênero (masculino/feminino) (BUTLER, 2017).

Já em 2017, tive a oportunidade de ser estagiário na YB Music, estúdio de gravação localizado no bairro da Vila Madalena em São Paulo, onde por incrível coincidência e convergência do destino, acompanhei no mês de Maio o dia a dia do processo de gravação do disco *Bixa*, o segundo da banda As Bahias e a Cozinha Mineira.

Antes de darmos continuidade nesse artigo, gostaria de dizer que apesar de eu ser um homem branco heterossexual cisgênero¹, peço licença com muito respeito, já que não tenho o direito de ser porta voz de uma causa que não me pertence, para pesquisar nesse artigo o que é a questão de gênero e como ela se faz presente no fazer musical, servindo como ferramenta de afirmação social para as artistas selecionadas (As Bahias e a Cozinha Mineira, Liniker e Mc Linn da Quebrada), e de que maneira, tendo como referência a dissertação de mestrado do músico e Prof. Mestre Paulo Menotti Del Picchia (Porque eles ainda gravam? Disco e Artistas em Ação; 2013), baseado na teoria de agência social de Alfred Gell, como a obra de um artista atua em sua vida, independente do formato em que essa obra é gravada (disco, ep, single) ou vídeo no YouTube), tendo em vista a atual multiplicidade de veículos de comunicação e se baseando nas palavras de Del Picchia, que diz: “Não são apenas os artistas que gravam os discos; *os discos também gravam os artistas*” (2013:29) .

Ressalto também que vou me referir às artistas selecionadas sempre com pronomes de tratamento femininos ou neutros, apesar dessa questão ser bastante ampla e ter diversas formatações gráficas possíveis, como “@”, “x” e “e”. Me baseio nessa escolha pela observação pessoal em relação à utilização oral no dia a dia e tendo em vista a afirmação de

¹ Em estudos de gênero, cissexual ou cisgênero são termos utilizados para se referir às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento. Isto é, configura uma concordância entre a identidade de gênero de um indivíduo com o gênero associado ao seu sexo biológico e/ou designação social.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cisgênero>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

Liniker em entrevista para a Revista Rolling Stone Brasil: “Acho mais amplo. Dizer ‘ele’ me deixa muito na caixinha do masculino.”².

2 – Sexo, gênero e Sexualidade

Os conceitos de gênero, sexo e sexualidade são bastante amplos e vêm sendo repensados, discutidos e desconstruídos ao longo dos anos. Procuo através desse capítulo fazer uma análise geral de suas conceituações, apontando suas diferenças e relações.

“É impossível pensar com um mínimo de clareza sobre a política racial e de gênero enquanto os consideramos antes como entidades biológicas que como construto sociais. Da mesma forma, a sexualidade é refratária à análise política enquanto for concebida basicamente como um fenômeno biológico ou um aspecto da psicologia individual. A sexualidade é um produto humano tanto quanto as dietas, os meios de transporte, as regras de etiqueta, formas de trabalho, tipos de divertimentos, processos de produção e formas de opressão.” (RUBIN, 2003, p. 19)

O primeiro aspecto que eu gostaria de levantar, a partir da perspectiva da antropóloga americana Gayle Rubin, é que não há uma relação obrigatória entre gênero, sexo e sexualidade, ou seja, o fator biológico não faz com que necessariamente determinada pessoa seja “masculina” ou “feminina”, tendo como pressuposto que esta relação envolve outros aspectos que transpassam a questão anatômica, deixando de lado a ideia de naturalidade do gênero para evidenciar elementos culturais, históricos e sociais dessa construção. Ou seja, não é por quê uma pessoa nasceu com genitália masculina ou feminina que ela vai se identificar compulsoriamente de acordo com seu corpo biológico.

Tendo em vista essa ideia, posso apontar que o “sexo” é relacionado a aspectos biológicos, anatômicos e físicos, através da combinação de cromossomos na geração de um ser humano, ou seja, é a definição acerca do órgão sexual do indivíduo, classificado como macho, fêmea ou intersexual³ e aspectos hormonais. Vale ressaltar também que é possível através de processo cirúrgico se alterar o sexo original, como é o caso das mulheres transexuais que optaram por remover seu pênis e construir uma vagina, ao contrário das

² <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/expoente-da-nova-musica-brasileira-liniker-quebra-paradigmas-apanas-por-se-aceitar-como-e/>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

³ A intersexualidade pode se manifestar de formas diferentes, seja por conta de as gônadas apresentarem características intermediárias entre os dois sexos, ou o aparelho genital não condizer com o tipo cromossômico. <http://www.livrariaflorence.com.br/blog/a-diferenca-entre-sexo-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

travestis que por opção, ou por falta de condições econômicas, permanecem com seu sexo primário intacto.

Já o gênero representa a forma como uma pessoa se enxerga, se identifica e se coloca no mundo, independente de seu sexo biológico. Como está descrito nas palavras da filósofa americana, Judith Butler:

“Se o gênero são os significador culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma desconstruibilidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois.” (BUTLER, 2017, p. 26).

Para complementar, nos cabe acessar a famosa frase da escritora, filósofa e ativista feminista francesa, Simone de Beauvoir, ao dizer que “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

Continuando nosso raciocínio, a partir dessa conceituações sobre o que é sexo e o que é gênero, tendo em vista suas diferenças e relações, podemos constatar que a sexualidade seria a combinação desses dois elementos na atividade prática, relacionadas às atuações que determinada pessoa exerce a partir de seu corpo/genitália e sua identificação de gênero, mas sem relação compulsória intrínseca. Portanto a sexualidade seria a resultante das atividades de cunho erótico e sexual, mas não necessariamente a orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, etc.) como se costuma pensar, estando na verdade relacionado com o desejo e atração, possuindo diversas configurações e conceitos possíveis, que podem ou não fugir às regras preestabelecidas por classificações médicas e/ou religiosas.

“*A História da Sexualidade*, de Michel Foucault, foi o texto mais influente e mais emblemático desse novo conhecimento sobre sexo. Foucault critica a forma tradicional de entender a sexualidade como um desejo natural libidinal de livrar-se das peias sociais. Ele afirma que os desejos não são entidades biológicas pré-existentes, mas são constituídos no curso de práticas sociais específicas, determinadas historicamente. Ele ressalta mais os aspectos geradores da organização social do sexo que seus elementos repressivos, mostrando que novas sexualidades estão sempre sendo produzidas. Ele identifica uma maior descontinuidade entre sistemas de sexualidade baseados em parentesco e formas mais modernas.” (RUBIN, 2003, p. 18)

Vale também tomar nota sobre a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), que não é a única possível, existem também LGBTI, sigla utilizada por organizações como a ONU e a Anistia Internacional que contempla pessoas “Intersex”, termo que substitui ‘hermafrodita’, que caiu em desuso, afim de designar pessoas com variedade de condições genéticas e/ou somáticas, havendo também a sigla LGBTQI, utilizado nos Estados Unidos para incluir além do “Intersex”, o “Queer”. Termo e teoria que questionam os binarismos hetero/homo e homem/mulher. É utilizado e estudado por diversos autores, como as que citei nesse capítulo, Gayle Rubin e Judith Butler.⁴

3 – Artistas transgênero na canção popular brasileira

3.1 – Mc Linn da Quebrada

Com 65.075 seguidores em sua página no Facebook (acesso em 30 de Junho de 2017), Mc Linn da Quebrada é uma “Bixa, trans, preta, periférica, cantora, bailarina e performer”, como se define em seu próprio site⁵. Utilizando da canção brasileira, mais especificamente o funk, como “uma poderosa arma na luta pela quebra de paradigmas sexuais, de gênero e corpo.”

Nascida no interior paulista, Linn é um “corpo em constante transformação e movimento”, que aos 20 anos de idade, após diversas transformações pessoais, foi para o município de Santo André, na Grande São Paulo, onde cursou a Escola Livre de Teatro, encontrando “caminhos para dar voz, corpo e vazão às suas potências e expressões.”. Linn define o seu fazer musical como “terrorismo de gênero”, o que explicita que seu trabalho não é meramente artístico, mas profundamente político, de forma radical e provocativa, encontrando no funk (com influência de Mc Xuxú, McTrans, Deize Tigrona, Valesca Popozuda, Tati Quebra Barraco) sua vertente de comunicação, como também está descrito em seu site:

““Sinto que com o funk eu posso mandar a real. Eu posso falar de mim, da minha experiência, de pessoas próximas a mim”, aponta a artista. “Falo de um lugar de onde eu me reconheço da quebrada, para a quebrada. Com a quebrada. Onde eu vejo movimento e resistência.”” (Release do site de Mc Linn da Quebrada, dia 02/06/2017. Grifos meus.).

⁴ <http://ggemis.blogspot.com.br/p/glossario-lgbt.html>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

⁵ <https://www.linndaquebrada.com/release>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

Outro trecho que merece destaque em seu site é em relação ao momento atual que vive a música popular brasileira, onde há um verdadeiro e consistente movimento de artistas que fogem às regras heteronormativas de gênero:

“Eu sou só uma parte desse movimento. Que é formado por um monte de gente preta, ‘translesbichas’, periféricas, que vem vindo com tudo para invadir e ocupar todos os espaços. Queremos escrever novas possibilidades para nossos corpos, sejam eles como forem.” (Idem).

Mc Linn da Quebrada impressiona principalmente por já conseguiu tanto destaque midiático mesmo antes do lançamento de seu primeiro disco, *Pajubá* (que foi financiado através da plataforma de financiamento coletivo Kickante⁶, ultrapassando os R\$45.000 pedidos ao alcançar o montante de R\$49.830), tendo aparecido em revistas e sites como BBC, ELLE, MTV, ÉPOCA, NOIZE e Estadão. Além da repercussão nas mídias impressas e digitais, Linn teve um de seus grande momento ao participar e se apresentar no programa “Amor & Sexo” da Rede Globo, com sua música “Bixa Preta”, disponível no endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/videos/1853378404900723/>.

Nas palavras de Linn:

““Essa bixa preta também sou eu, mas, além disso, são muitas outras além de mim” [...] “O nosso corpo é visto como um corpo errado, preterido, com o qual ninguém quer se relacionar. Para a sociedade, a bixa preta é isso, mas o que eu quero com a música é dizer que podemos nos amar e nos desejar. Ser bixa preta é resistência, é poder e é afeto.”” (Idem).

“Bixa Preta” possui em sua instrumentação batidas eletrônicas criando um funk com estética sonora do atual Hip Hop americano. Analisando a letra da música notamos aspectos relativos à atuação dessa composição como objeto de empoderamento e enfrentamento perante uma sociedade conservadora e preconceituosa que trata a identificação de gênero que foge da heteronormatividade como motivo de estranhamento e desqualificação social, além da questão de Linn ser negra e periférica, aspectos que ainda hoje no Brasil, com o abismo social que temos, são motivos constantes para a discriminação e desigualdade de direitos e oportunidades.

Na letra, Linn bate de frente com qualquer um que possa ser um agente opressor em seu caminho com um “trá-trá-trá-trá” que imita o som de uma arma atirando, demonstrando que não tem medo de nada nem ninguém e que se orgulha de ser uma “bicha, loka, preta, favelada”, destacando assim sua assumida e despudorada perversidade sexual:

⁶ <https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido-0>. Acesso em: 21 de Junho de 2017.

Bichistranha, loka preta da favela
Quando ela tá passando todos riem da cara dela
Mas, se liga macho
Presta muita atenção
Senta e observa a tua destruição

Que eu sou uma bicha, loka, preta, favelada
Que quando eu vou passar
E Ninguém mais vai dar risada
Se tu for esperto, pode logo perceber
Que eu já não to pra de brincadeira
Eu vou botar é pra fuder

Que bichistranha, insandecida
Arrombada, pervertida
Elas tomba, fecha, causa
Elas é muita lacração
Mas daqui eu não to te ouvindo boy
Eu vou descer até o chão

Bicha preta!
Trá-Trá-Trá-Trá
Bicha preta!
Trá-Trá-Trá-Trá-Trá
Bicha preta!
Trá-Trá-Trá-Trá
Bicha preta!
Trá-Trá-Trá-Trá-Trá

A minha pele preta, é meu manto de coragem
Impulsiona o movimento
Envaidece a viadagem
Vai desce, desce, desce
Desce a viadagem!

Sempre borralheira com um quê de chinerella
Eu saio de salto alto
Maquiada na favela
Mas, se liga macho
Presta muita atenção
Senta e observa a tua destruição

Que eu sou uma bicha, loka, preta, favelada
Que quando eu vou passar
E Ninguém mais vai dar risada
Se tu for esperto, pode logo perceber
Que eu já não to pra de brincadeira
Eu vou botar é pra fuder

Que bichistranha, ensandecida
Arrombada, pervertida
Elas tomba, fecha, causa
Elas é muita lacração
Mas daqui eu não to te ouvindo boy
Eu vou descer até o chão

Bicha preta!
Trá-Trá-Trá-Trá
Bicha preta!

Trá-Trá-Trá-Trá-Trá
Bicha preta!
Trá-Trá-Trá-Trá
Bicha preta!
Trá-Trá-Trá-Trá-Trá

Sempre borralheira com um quê de chinerella
Eu saio de salto alto
Maquiada na favela
Mas que pena, só agora viu que bela aberração?

É muito tarde, macho alfa
Eu não sou pro teu bico
Não

Ainda sobre Mc Linn da Quebrada, é importante destacar o blasFêmea⁷, que é um experimento audiovisual documental da canção “Mulher”, segunda canção do disco *Pajubá*, exibido na SP Arte, dirigido por Linn com co-direção de Marcelo Caetano, através do qual a potência feminina é explorada. A ideia foi misturar suas diferentes formas de expressão artística e navegar por histórias de pessoas que, assim como ela, usam o corpo como forma de experimentação, a fim de dar voz à potência feminina em suas diversas possibilidades e corpos.

O vídeo é dividido em três partes, tratando na primeira do complexo jogo de poder, desejo e objetificação do “culto ao falo”⁸. A cena, que é acompanhada por uma intensa trilha de cordas, se inicia com Mc Linn da Quebrada entrando numa sala escura e se ajoelhando sobre uma cadeira, como quem está se preparando para rezar, mas que na verdade, está se preparando para um ritual em que ela é uma espécie de escrava sexual. A outra pessoa da cena, de aparência misteriosa e andrógena, possui no lugar do pênis uma vela, que é acesa pela própria Linn com um maçarico, fazendo com que seja derramada parafina em seu corpo quase nu, se assemelhando à ejaculação masculina de esperma. No encerramento da cena, Linn aparece deitada de forma inconsciente e cheia de parafina, criando através da narrativa um paralelo entre dor e prazer, vida e morte e a relação entre posse (ser) e pertencimento (ausência) (BUTLER, 2017).

Apos esse início se escuta a voz da mãe de Linn ao telefone. O seguir da narrativa, acompanhando novamente por instrumentação rítmica eletrônica e intenso uso de *reverb* (gerando a sensação de que a música se passa num espaço físico bastante amplo), trata da formação de uma rede de proteção e ajuda entre mulheres. No encerramento, mulheres

⁷ <https://youtu.be/-50hUUG1Ppo>. Acesso em: 10 de Agosto de 2017.

⁸ Para uma leitura mais aprofundada sobre o assunto, recomendo a leitura do livro de Judith Butler “Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade.” Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017 no Capítulo 2 - Proibição, psicanálise e a produção o da matriz heterossexual: Lacan, Riviere e as estratégias da mascarada - página 84.

cisgênero e trans surgem cantando um dos refrãos da música. A equipe foi formada majoritariamente por mulheres, com o objetivo de potencializar o desejo de estabelecer entre elas uma rede de apoio e conexão, seja psicológico, emocional e até sexual. Nas palavras de Linn: “É sobre um lugar onde possamos nos fortalecer, um território de afeto e proteção. Um espaço que não seja apenas utópico, mas uma obra que nos impulse a materializar esse cenário de fato”.

3.2 – Liniker

Liniker Barros, nascida em Araraquara numa família de músicos, também estudou na Escola Livre de Teatro de Santo André, como Mc Linn da Quebrada. Ganhou destaque e se tornando conhecida em Outubro de 2015, após lançar no YouTube o EP *Cru*, que além da música em si, com roupagem característica da *Soul Music*, formado por bateria, baixo, trombone, trompete, guitarra *clean* e 3 *backing vocals*, além da voz de Liniker, é uma performance visual dela com sua banda, os Caramelows (com 363.484 seguidores em sua página no Facebook - acesso em 30 de Junho de 2017). O vídeo agiu como ferramenta de enfrentamento e posicionamento perante à sociedade, já que no registro Liniker aparece de brincos, colar, turbante, batom e saia, sem abrir mão de seu bigode, rompendo com qualquer ideia binária de gênero. Podemos relacionar as canções de Liniker e suas vestimentas com a citação que Del Picchia faz sobre a teoria de agência social do antropólogo britânico Alfred Gell:

“Gell fala nesses objetos agentes em termos de *“distributed personhood”* (pessoalidade distribuída, tradução minha), ou seja, nós somos nosso corpo e também as coisas que usamos, que vestimos, que produzimos. Somos ainda, as partes destacadas de nosso corpo e que nos presentificam; desde unhas e cabelos, até fotografias e esculturas que nos ‘imitam’, e, porque não; os carros que dirigimos. Os artistas são os discos que produzem e que tornam públicas suas músicas. A recíproca também é verdadeira, os discos são os artistas, são pessoas.” (DEL PICCHIA, 2013, p. 106)

Como Liniker afirma em entrevista ao jornal El País Brasil: “Um dos meus maiores desejos como artista é: “bote para fora quem você é, não tem problema”⁹. Na mesma entrevista Liniker também conta como foi o processo de elaboração do Ep:

⁹ http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/12/cultura/1447331706_038108.html. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

“Comecei a compor aos 16 anos. Eu escrevia cartas de amor também, que não tinha coragem de entregar para os caras de quem gostava. Até que entendi que tinha que botar isso para o mundo, de alguma forma. Ano passado, depois de um ano estudando em São Paulo, fui para Araraquara e conheci o Guilherme Garboso, o baterista da banda até pouco tempo atrás, e disse para ele que queria produzir minhas músicas, que tinha essas letras e precisa que a gente fosse pela vertente do soul e da *black music*. Queria que as pessoas sentissem como eu me sinto quando escuto esse tipo de música: uma coisa que pulsa, que não tem como conter. Começamos a trabalhar em fevereiro e ensaiamos até julho. Em outubro, lançamos o EP com três músicas: *Louise do Brasil*, *Zero* e *Caue*. Todo o processo foi muito colaborativo, como minha experiência de estudo na Escola Livre de Teatro de Santo André. Convidamos pessoas que queriam trocar artisticamente e aí rolou de forma muito orgânica.” (Entrevista com Liniker Barros assinada por Camila Moraes e publicada no El País Brasil, dia 13/10/2015. Grifos meus.).

Também sobre a questão política e estética de suas roupas e seu corpo:

“Queríamos que o EP fosse uma coisa íntima, então gravamos ao vivo. Para captar o momento, o cru mesmo. As músicas ficaram muito cênicas, assim como o arranjo e a interpretação. E aí estou de batom, de brincão... Eu me visto assim no meu dia a dia e sentia que precisava mostrar isso para o público, ser o mais transparente possível. Por que colocar uma calça jeans e uma camiseta e mostrar meu trabalho só com a voz? Meu corpo é um corpo político. Preciso mostrar para as pessoas o que estou passando. “Este é o Liniker, um cara pode usar um batom, turbante e cantar”. Isso não me distancia de nada. Sou um artista deste porte.” (Idem).

Continuando, outra fala importante de Liniker relata como foi o processo de sua transformação de gênero e como isso foi recebido por sua família, revelando a negativa conservadora de seu tio, que não entendia o porquê de Liniker usar roupas consideradas femininas, mas em contraponto, o apoio fundamental de sua mãe, ao aceitá-la exatamente do jeito que é :

“Sempre quis usar as roupas da minha mãe, mas não fazia isso, sobretudo em Araraquara, uma cidade pequena, porque ia ser hostilizado. Ia para um brechó, queria um vestido, um brinco, mas não comprava... Comigo mesmo eu estava bem, o problema era a cidade. Meu processo desatou depois de sair de casa e me sentir mais liberto. Pensei: “Agora que estou construindo minha liberdade, se eu não puder ser quem eu sou e vestir o que quero, não vai adiantar de nada”. Comecei a usar batom e saia e a sair na rua com essas roupas. Aí fui para Araraquara pela primeira vez pensando “vou mostrar para eles quem sou”. Um tio meu me questionou, queria saber o que estava acontecendo e me deu uma roupa dele – “para você saber como homem se veste”. Agradei, mas disse que não ia usar. E minha mãe me defendeu: “Deixa o Liniker, ele é um artista”. Ela falou que as pessoas iam falar, mas que a gente estava juntos. Se minha mãe, que tinha me criado, estava tranquila, tudo estava bem e “o resto que se foda”. Uma vez fui para casa e quando voltei, encontrei um rímel de presente que ela colocou na minha bolsa. Que fofa.” (Idem).

Com a repercussão e visibilidade do Ep *Cru*, Liniker, a exemplo de Mc Linn, também se apresentou no programa “Amor & Sexo” da Rede Globo¹⁰, interpretando a canção *Geni e o*

¹⁰ <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/03/contra-lgbtphobia-liniker-canta-versao-alternativa-de-cancao-de-chico-bendita-geni>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

Zepelim de Chico Buarque de Hollanda. Vale ressaltar, sobretudo, um fato que não é de conhecimento geral. Geni, a personagem principal da canção, é uma travesti.

“O que nos leva à asserção de que Geni é uma travesti é considerar a obra em que a canção se encontra: na Ópera do Malandro, Geni é uma travesti que, como outras mulheres, vive de prestar seus serviços sexuais num bordel barato, frequentado por “tudo que é nego torto / Do mangue e do cais do porto”: “O seu corpo é dos errantes / Dos cegos, dos retirantes / É de quem não tem mais nada”. Além disso, ela não pertence como objeto ao bordel onde trabalha e frequenta. Ela é dona de seu próprio nariz e vive e faz de seu corpo o que quer, com quem e como quer. Afinal, na descrição que segue sua apresentação, na primeira estrofe da canção: “Dá-se assim desde menina / Na garagem, na cantina / Atrás do tanque, no mato / É a rainha dos detentos / Das loucas, dos lazarentos / Dos moleques do internato / E também vai amiúde / Com os velhinhos sem saúde / E as viúvas sem porvir”. Não há, pela descrição feita, preconceito com gênero e faixa etária, mas há uma escolha implícita: ela se identifica e se relaciona com os excluídos sociais, por ser um deles. Tanto é que, ao ser escolhida pelo comandante, a primeira reação é dizer não porque “prefere amar com os bichos”” (DE PAULA, Luciane; DE FIGUEIREDO, 2010, p. 4)

Na performance de Liniker cria uma versão alternativa da clássica canção, seguindo a música da mesma forma que a original até o final da primeira estrofe, mas ao chegar o momento em que deveria dizer “*Joga pedra na Geni!*” a cantora interrompe a banda e após um momento de silêncio afirma com seriedade e em tom de protesto que: “O Brasil é o país que mais mata travestis, transexuais, homossexuais e bissexuais no mundo. Isso tem que acabar. Basta!. Só assim podemos nos redimir.”, finalizando seu fazer artístico/político exaltando Geni (e consequentemente todas as travestis do Brasil) cantando “*Bendita Geni!*”. A apresentação ganhou grande repercussão nas redes sociais, como aponta matéria do site Rede Brasil Atual:

““Esse é aquele tipo de coisa que eu posso assistir 50 mil vezes e as 50 mil eu vou me emocionar. Muito obrigado, Liniker”, escreveu um dos internauta. “Que apresentação! Que fala... Eu fiquei toda arrepiada! NÃO JOGA!”, acrescentou outra. “Foi uma aula de amor, uma aula de representatividade, uma aula de inclusão... Foi lindo de ver! Ainda temos um longo e árduo caminho para percorrer, mas é sensacional fazer parte desse momento de revolução e transformação de uma sociedade! Ver as mulheres tomando o seu lugar de direito, vendo os gays, trans, cis, bis, pans deixando claro que eu papel na sociedade e impondo e exigindo o devido respeito.... Ainda não chegamos lá, mas estamos no caminho”, disse um dos seguidores da cantora.” (Matéria assinada pela Redação RBA na Rede Brasil Atual, dia 03/03/2017. Grifos meus.).

Outro ponto em comum com Mc Linn da Quebrada é que Liniker, após conseguir grande destaque e aumentar consideravelmente seu público, lançou campanha de financiamento coletivo para gravar seu primeiro disco completo¹¹, que se chama *Remonta*, mantendo a estética de Soul Music contendo 12 faixas, sendo 3 delas as canções que já

¹¹ <https://www.catarse.me/liniker>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

estavam no Ep *Cru*, mas dessa vez com novos arranjos e instrumentação, como naipe de cordas. O projeto, lançado pela plataforma Catarse, possuía diversas opções de contribuições, com recompensas de acordo com o valor doado. O valor de meta para custear todo o processo de gravação, produção, prensagem e taxa do site chegava ao R\$70.000, porém, com a ajuda de todos aqueles que conheceram Liniker e os Caramelows, a banda alcançou o valor total de R\$104.042, ultrapassando a meta em mais de R\$30.000.

Podemos então chegar à conclusão de que só foi possível a gravação do disco *Remonta*, com tamanho recurso financeiro, por causa da repercussão do Ep *Cru*, que viralizou de forma rápida e surpreendente pelas redes sociais. Nesse caso, Liniker, sua banda e seu público são agente humanos, primeiro Liniker e os Caramelows ao tocar, gravar e divulgar suas músicas e em seguida seu público apoiando financeiramente o projeto do *Remonta*. Notamos que há o agente não humano no meio dessa relação que é a gravação em si e a própria internet como elemento comunicador e divulgador, retomando assim a noção de agência social de Alfred Gell. Nas palavras de Del Picchia:

“O autor argumenta que as coisas são agentes, ou seja, fazem eventos acontecerem. Humanos e não-humanos agem uns sobre os outros através de processos contínuos e de mão dupla. Ambos podem ocupar a posição de *Agentes* e/ou *Pacientes* numa cadeia de relações. Agentes e pacientes se relacionam nos contextos fugazes e contraditórios da vida social, onde podemos atribuir agência a carros, obras de arte, brinquedos, roupas, imagens e muitas outras coisas. Essas posições são dinâmicas, existe uma transitividade entre agentes e pacientes. Nessa perspectiva teórica o objeto principal da antropologia são as relações sociais, sendo que estas relações podem se dar entre humanos ou entre humanos e não-humanos. Alguém só descobre no que a cultura das pessoas consiste observando e registrando como elas se relacionam com os outros em interações sociais. Refletindo sobre como a antropologia deveria se debruçar sobre a arte, Gell trata as obras de arte como pessoas e estuda as interações entre elas e humanos.” (DEL PICCHIA, 2013, p. 103)

3.3 – As Bahias e a Cozinha Mineira (Assucena Assucena e Raquel Virgínia)

Em 2011, após a morte precoce da cantora britânica Amy Winehouse, as estudantes de História da USP, Assucena Assucena e Raquel Virgínia, ambas cantoras e apelidadas de “Bahia”, juntas do mineiro e colega de curso, Rafael Acerbi (guitarra e violão), resolveram formar a banda Preto por Preto (em alusão ao disco *Back to Black*) para interpretar as canções de Amy. Mas após algum tempo, influenciadas por Gal Costa, Novos Baianos, Ney Matrogrossa e outras “brasilidades”, se tornam As Bahias e a Cozinha Mineira (com 54.803 seguidores em sua página do Facebook - acesso em 30 de Junho de 2017), lançando seu disco de estreia, *Mulher*, em 2015.

Além de serem cantoras, “Bahias” e estudantes de História, Assucena e Raquel possuem mais uma característica em comum: ambas são mulheres trans assumidas, razão pela qual trazem à tona o debate de gênero em suas posturas, vestimentas e canções.

O disco *Mulher*, lançado no dia 29 de Janeiro de 2016 (Dia Nacional da Visibilidade Trans), possui na capa (do artista plástico Will Cega) uma alusão em vermelho e preto de um púbis feminino, se iniciando com a faixa “Apologia às Virgens Mães”, que cria um paralelo entre a mãe de Jesus e o comportamento hegemonicamente esperado das mulheres em nossa sociedade cristã patriarcal, com beleza poética e precisas escolhas estéticas, sendo dividida em dois momentos. Um primeiro, contido e vagaroso, e um segundo, onde toda a energia da canção emana, composto de intensidade instrumental e versatilidade vocal. Em seguida vem “Josefa Maria” (homenagem à avó de Raquel que era empregada doméstica vinda do Nordeste para São Paulo), que se inicia com uma voz solitária, sendo complementada gradativamente por outra voz e instrumental, antes de se transformar numa interessante mistura entre Funk Carioca e Afrobeat.

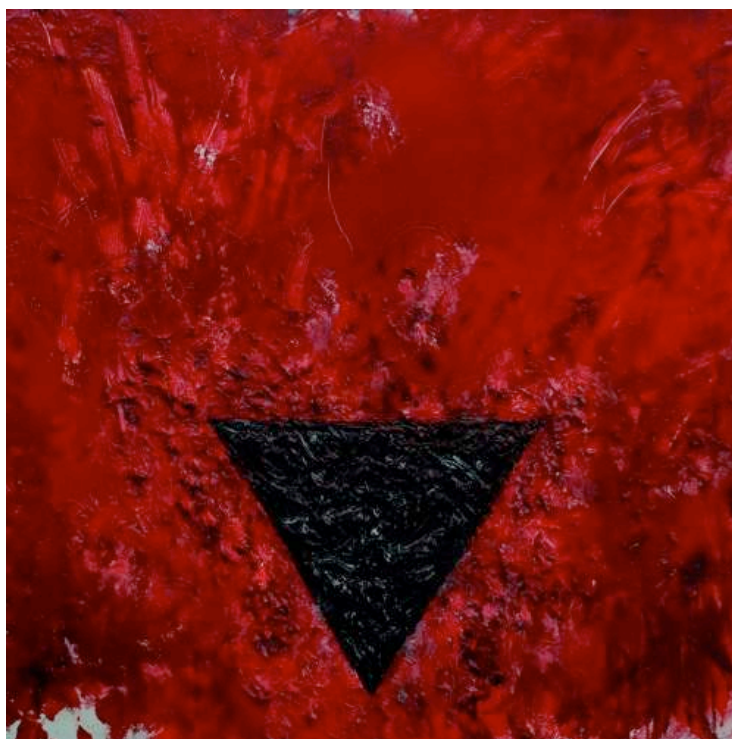


Figura 1 - Capa do disco *Mulher*, obra de Will Cega.

O álbum segue numa miscelânea de ritmos musicais, passando por Soul Music, Blues, Forró, Samba, Axé e até mesmo referência à Marchinha de Carnaval na faixa 3, com citação direta à “Lata d’Água”, composição de Luiz Antônio e Jota Jr., que ficou famosa na voz de Marlene na década de 50. Outro fonograma que merece atenção é a faixa de número 9, “Uma Canção pra Você (Jaqueta Amarela)”, onde a influência de Amy Winehouse se mantém

presente. Com uso de teclas, naipe de sopros e cozinha grooveada¹², a música é uma montanha-russa de dinâmica e sensibilidade, se adequando ao teor da letra, que trata do abandono e sofrimento amoroso.

Com a visibilidade da banda através do disco *Mulher*, *As Bahias* e a *Cozinha Mineira* chamaram a atenção do grande público, servindo de impulso para que muitas pessoas que estavam deprimidas ganhassem forças para enfrentar suas angústias. No trecho a seguir, em entrevista para o site “Tenho Mais Discos que Amigos!”¹³ as bahias contam como o disco e os shows se tornaram ferramentas de empoderamento, enfrentamento a valorização da autoestima:

“O nosso trabalho ganhou um teor político muito forte, nossos shows se tornaram impulsos e sensações pra quem luta por uma sociedade mais igualitária e mais justa. Acho isso ótimo. É muito bom perceber que o nosso trabalho não foi apropriado por “fascistas”. O nosso trabalho, pelas graças do axé (risos), foi apropriado por pessoas que querem uma sociedade diferente. Não querem mais as violências transfóbicas, homofóbicas e racistas.”

A gente recebe muitas mensagens de pessoas que falam que estavam deprimidas e quando conheceram nosso trabalho, ganharam força pra se levantar. Isso é emocionante pra quem é artista. Também dá forças pra mim e pra Assucena, porque a gente também sofre opressão, mesmo sendo artista. É lógico que hoje nós temos privilégios, mas ainda assim nosso dia-a-dia é muito difícil. Então essa “retroalimentação” é incrível. É um magnetismo de poder. O Brasil é realmente um país muito violento pra pessoas como nós.” (Entrevista com Assucena Assucena e Raquel Virgínia assinada por Rafael Teixeira e publicada no “Tenho Mais Discos que Amigos!”, dia 13/09/2016. Grifos meus.).

Por consequência desse destaque, a banda se apresentou em programas como “Amor & Sexo” e “Esquenta” da Rede Globo. Tamanha repercussão chamou a atenção também da dupla de músicos e produtores musicais Marcelo Cabral (Metá Metá, Passo Torto, Elza Soares, etc), e Daniel Ganjaman (Nação Zumbi, Sabotage, Mombojó, etc), parceiros na

¹² Por “cozinha grooveada” se entende quando a bateria e o baixo de uma música estão encaixados, dialogando de uma forma em que soam como se fossem um único elemento rítmico e melódico, criando o impacto e o movimento necessária para que o ouvinte tenha vontade de se mexer no ritmo do que se ouve.

¹³ <http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2016/09/13/as-bahias-entrevista-fascistas-turne/>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

produção dos discos *Nó na Orelha* (2011), *Convoque Seu Buda* (2014) e *Espiral de Ilusão* (2017) do rapper e cantor Criolo.

Ao longo 4º capítulo desse artigo vou tratar sobre o processo etnográfico em estúdio do segundo disco da banda, já que eu tive a oportunidade de acompanhar esse processo dia a dia dentro da YB Music, observando todo o funcionamento humano e não-humano que a feitura de um disco em um grande estúdio demanda.

4 – Etnografia da gravação - As Bahias e a Cozinha Mineira na YB Music

“Artisticamente, um disco exercerá agência sobre o próximo na medida em que o artista sempre busca se renovar e se superar.” (DEL PICCHIA, 2013, p. 118).

Durante o mês de Maio de 2017 eu acompanhei, trabalhando como estagiário, o processo de gravação do disco *Bixa*, o segundo da banda As Bahias e a Cozinha Mineira no estúdio da YB Music no bairro da Vila Madalena em São Paulo. Os músicos da banda continuaram os mesmo em relação ao primeiro, a diferença é que dessa vez os produtores musicais são Marcelo Cabral e Daniel Ganjaman.

Marcelo Cabral é baixista e produtor musical, tem em seu currículo trabalhos com as bandas MarginalS, Submarinos, Passo Torto, Mc Sombra, Verônica Ferriani, Lurdez da Luz e Elza Soares, além de ser um dos grandes responsáveis pelo surgimento de Criolo na música brasileira, em matéria do site Correio Braziliense¹⁴:

“Mais do que baixista da banda de Criolo, Marcelo Cabral, 39 anos, é produtor musical do artista e essa parceria promoveu mudanças substanciais na vida do cantor. Daí a enorme gratidão e a homenagem de Criolo. Foi ele quem apostou e insistiu, em 2010, para que o projeto de registrar algumas canções do rapper acontecesse. Naquela época, o artista estava inclinado a parar de gravar rap. Achava que já tinha dado a sua contribuição à cena e não tinha muito mais a acrescentar. O baixista não desistiu. Convidou Daniel Ganjaman para ajudá-lo e contou com o apoio da Matilha Cultural, importante reduto artístico da capital paulista. O resultado foi o disco *Nó na Orelha*, um dos melhores e mais premiados de 2011.” (Matéria assinada por Igor Silveira publicada no Correio Braziliense, dia 26/10/2013. Grifos meus.).

É possível notar com esse trecho o fator da agência social de Alfred Gell na vida de Criolo, já que a partir do disco *Nó na Orelha* mudanças importantes começam a acontecer na

¹⁴ http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/10/26/interna_diversao_arte,395416/producao-marcelo-cabral-alavanca-carreiras-de-sucesso-como-a-de-criolo.shtml. Acesso em: 25 de Maio de 2017.

vida dele e assim se tornar um artista conhecido e respeitado, podendo fazer da arte sua profissional e fonte de renda.

Daniel Ganjaman, músico e importante produtor de hip hop já trabalhou com Planet Hemp, Otto, Xis, Racionais, Criolo, entre outros, assinando o disco “Rap é Compromisso!” de Sabotage, um dos trabalhos mais importantes do Hip Hop brasileiro, produzido de forma independente e sem grande recursos financeiros.

Na primeira semana de gravação tudo já estava muito claro e acordado entre músicos, cantoras e produção, era evidente que a banda estava muito ensaiada e todos já sabiam muito bem os lugares de cada coisa. A gravação da base (bateria e baixo) e sintetizadores aconteceu toda de forma ao vivo (quando todos tocam ao mesmo tempo), enquanto teclados, guitarras e vozes serviam apenas como guia (para serem regravas com mais cuidado posteriormente), mas também para dar mais consistência e unidade na interpretação e energia da banda como um todo, criando uma maneira de estruturar a música garantir a identidade sonora e essência desejada.

Após essa etapa, com as estruturas da música bem definidas, começaram as gravações de guitarra, com Rafael Acerbi tocando dentro da técnica enquanto o sinal de seu instrumento era enviado para 3 amplificadores posicionados e microfônados dentro da sala de gravação, de forma a construir não somente a linha melodia/harmônica desejada, mas também a “coloração” do timbre.

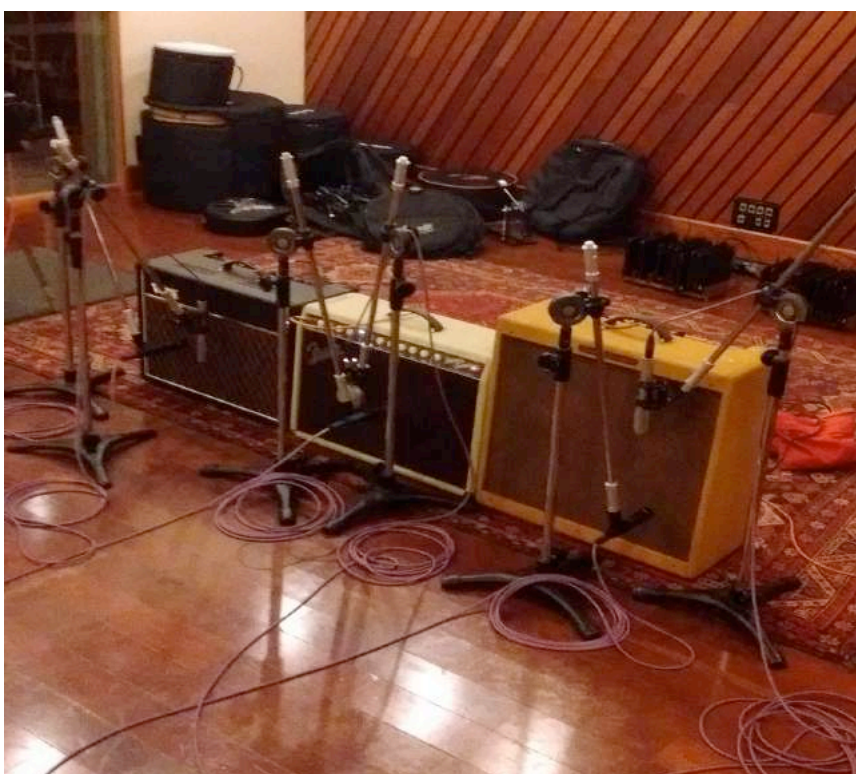


Figura 2 - Gravação de guitarras na YB Music.

Em seguida foi o momento de gravar o clássico órgão Hammond e diversos sintetizadores para cobrir as teclas guias e criar diversos “preenchimentos” nas músicas. Alguns desses sons bastante evidentes, já outros tão sutis que passam despercebidos numa escultura distraída, porém, são elementos essenciais para a confecção do espectro sonoro. Além desses elementos, foi gravado também vibrafone, tocado pelo próprio Daniel Ganjaman.



Figuras 3 e 4 - Daniel Ganjaman e Carlos Eduardo Samuel no órgão Hammond e Ganjaman tocando vibrafone.

O próximo momento foi o das percussões, que possui um aspecto similar ao das teclas na relação entre elementos mais presentes e outros mais sutis, como “preenchimentos”. Serve como complemento à bateria, mas não somente isso, agrega também uma série de características históricas e ancestrais, como os instrumentos de tradição africana, que existem

em muitos contextos da música brasileira, como diz Ganjaman em entrevista ao Correio Braziliense¹⁵:

“Tenho ouvido muita música da África dos anos 1960 e me impressiona o quanto é moderno. O quanto, realmente, foi essa música que ditou a linguagem do que fazemos atualmente. Essa ancestralidade está muito presente nas músicas mais modernas feitas no mundo inteiro.”

(Entrevista com Daniel Ganjaman assinada por Rebeca Oliveira e publicada no Correio Braziliense, dia 27/12/2016. Grifos meus.)



Figura 5 - Kit de percussão de Danilo Moura.

Assim foi finalizado o primeiro ciclo de gravações na YB Music, para que durante uma semana os arquivos de áudio pudessem ser editados e acrescidos de piano, que viera a ser gravado no estúdio da família Takara, de Daniel Ganjaman, o El Rocha, localizado no bairro de Pinheiros de São Paulo. Após essa semana, começou o momento de gravar as vozes de Assucena Assucena e Raquel Virgínia. Primeiro se tentou fazer uma de cada vez, mas alguns testes e percebendo as diferenças de vozes, interpretação e personalidades, Ganjaman considerou melhor gravar as duas ao mesmo tempo, sentindo que assim a gravação teria mais unidade, já que é assim que as duas sempre se apresentam em seus shows, de forma simultânea. Usando dois microfones para cada e com uma divisória acústica com vidro, permitindo que elas pudessem se ver, foi concluída a etapa final de gravações do disco *Bixa*.

¹⁵ http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/12/27/interna_diversao_arte,562657/quem-e-daniel-ganjaman.shtml. Acesso em: 25 de Maio de 2017.



Figuras 6 e 7 - Os dois lados das vozes de Assucena Assucena e Raquel Virgínia.

Considero importante destacar que ao longo do processo de gravação a questão de gênero ficou evidenciada apenas no teor das letras, posturas artística e conceito do disco, já que dentro do ambiente de trabalho no estúdio isso não era necessariamente uma questão, já que não havia nenhum tipo de desconforto ou estranhamento a respeito das identidades de gênero não binárias de Assucena Assucena e Raquel Virgínia. O dia a dia foi muito leve e agradável entre todos, com muita naturalidade e fluidez de trabalho, demonstrando que o principal foco ali dentro era a canção e a produção de um disco com a melhor qualidade técnica e artística possível, para que após seu lançamento possa servir de agente nas vidas de todos da banda, dos produtores, da sociedade, e principalmente, de todas aquelas que venham a se identificar e se sentirem representadas e empoderadas pelo discurso implícito no disco *Bixa*.

5 – Conclusão

No início desse artigo, eu procurei explicar quais as relações e diferenças entre sexo, gênero e sexualidade. Apontei que o sexo está relacionado à aspectos biológicos, físicos e anatômicos. O gênero é vinculado à maneira com que determinada pessoa se enxerga, se identifica e se coloca no mundo, fugindo ou não do binarismo compulsório de gênero (masculino/feminino) (BUTLER, 2017). Já a sexualidade é a combinação desses fatores, sendo assim a resultante das atividades de cunho erótico e sexual, mas não necessariamente a orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, etc.), se relacionando com o desejo e atração, com diversas configurações possíveis (RUBIN, 2003). Após essa explicação, me aprofundi em analisar os trabalhos de Mc Linn da Quebrada, Liniker e As Bahias e a Cozinha Mineira (Assucena Assucena e Raquel Virgínia), por serem todas artistas transgênero que vêm ganhando grande visibilidade no atual debate da questão, através de seus fazeres musicais, sendo relacionadas em entrevistas, matérias e participações em importante veículos de mídia, como a Rede Globo. Aponto aqui, que muito desse sucesso se deve, além do fazer musical, justamente ao fator da transgeneridade delas, por serem figuras ativas que se posicionam efetivamente num mundo onde cada vez é mais importante e mais possível se afirmar. Dessa forma, noto também o forte uso das redes sociais no processo de divulgação e comunicação com o público, observando a grande quantidade de seguidores que cada uma delas têm em suas página no Facebook. Em ordem decrescente: Liniker com 363.484 seguidores, Mc Linn da Quebrada com 65.075 seguidores e As Bahias e a Cozinha Mineira com com 54.803 seguidores (acesso em 30 de Junho de 2017). Tamanha visibilidade permitiu que tanto Liniker como Linn da Quebrada conseguissem através de financiamento coletivo arrecadar valores suficientes para a produção de seus primeiros discos completos, respectivamente *Remonta* e *Pajubá*. Observo também que não foi necessário possuir disco lançado para alcançar essa visibilidade na cena musical, já que Liniker surgiu com o Ep *Cru* de 3 músicas, em que executa as canções com sua banda em vídeo no YouTube e Mc Linn da Quebrada com músicas avulsas em plataformas de distribuição digital e videoperformances, também no YouTube. Mas ao mesmo tempo, ao contrário, As Bahias e a Cozinha Mineira surgiram já com o disco *Mulher* e posteriormente, como conto na etnografia de gravação em estúdio, o disco *Bixa*, com o peso de ter dessa vez a produção musical de Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral, sendo gravado no estúdio da YB Music.

Considero também importante apontar nessa conclusão que independente do formato de produção técnico e artístico, todos os fazeres musicas e performáticos dessas artistas agiram

socialmente (DEL PICCHIA, 2013). Podemos pensar nessa agência em três pontos. Primeiro “para fora”, no momento em que atinge grande parte da sociedade brasileira, fomentando o debate e a conscientização de muitos que nunca haviam refletido sobre a questão de gênero, e/ou aqueles que possuem algum tipo de preconceito dentro de si. Ao mesmo tempo, age ao acessar muitas pessoas trans (ou qualquer outra que possa ter sofrido algum tipo de opressão ao longo da vida) através de suas canções, servindo de estímulo para que se sintam representadas, valorizadas e empoderadas. Por fim, o terceiro momento dessa agência acontece retornando de volta para as próprias artistas, que através do apoio do público e do reconhecimento de seus trabalhos na mídia e nas redes sociais, conseguem se consolidar no cenário musical, se estabelecer financeiramente e se afirmar como cidadãs trans. Dessa maneira, a partir da tripla agência social, criam uma rede de apoio e diálogo mútuo onde tanto as artistas, como seu público, estão juntas na luta pelo respeito e representatividade ativa da sociedade LGBTQI no Brasil e no mundo.

6 – Referências

BAZZAN, Alexandre Ferraz. Um bom momento para discutir gênero na música. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/bootleg-alexandre-bazzan/um-bom-momento-para-discutir-genero-na-musica/>. Acesso em: (22 mai. 2017).

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do Gênero: A Politização das Identidades Abjetas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2), 569-581, maio-agosto/2012.

BEZERRA, Júlia. Marcelo Cabral: o nome da nova cena musical paulistana. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/54432>. Acesso em: (25 mai. 2017).

‘Blasfêmea’: Mc Linn da Quebrada lança lindo vídeo para ‘Mulher’. Disponível em: <http://www.guiagaysaopaulo.com.br/1/n--blasfemea-mc-linn-da-quebrada-lanca-lindo-video-para-mulher--18-04-2017--4352.htm>. Acesso em: (22 jun. 2017).

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAPARICA, Marcelo. Vamos usar “E” para o gênero neutro? Disponível em: <http://ladobi.uol.com.br/2016/06/genero-neutro-portugues/>. Acesso em: (02 jun. 2017).

CASTILHO, Lucas. 11 artistas brasileiros que estão quebrando todas as regras de gênero. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/cultura/11-artistas-brasileiros-que-estao-quebrando-todas-as-regras-de-genero/>. Acesso em: (22 mai. 2017).

CASSOLI, Lucas. LINIKER E OS CAMELOWS - REMONTA. Disponível em: <http://monkeybuzz.com.br/resenhas/albuns/21019/liniker-e-os-camelows---remonta/>. Acesso em: (23 mai. 2017).

DE PAULA, Luciane; DE FIGUEIREDO, Maria Haber . Geni, a Maria Madalena de Chico Buarque: Aclamações e apderejamentos na canção e no mundo, ontem e hoje. *Fazendo Gênero 9*, Florianópolis, 1-11, agosto/2010.

DEL PICCHIA, Paulo Menotti. Por que eles ainda gravam? Discos e artistas em ação. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2013.

GELL, Alfred. Art and Agency: An Anthropological Theory. New York: Oxford University Press Inc., 1998.

MORAES, Camila. As Bahias e a Cozinha Mineira: “Para o trans, todo dia é um grande evento”. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/08/cultura/1457464541_444091.html. Acesso em: (22 mai. 2017).

MORAES, Camila. Liniker: “Sou negro, pobre e gay e tenho potência também”. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/12/cultura/1447331706_038108.html. Acesso em: (23 mai. 2017).

MOREIRA, Talitha Couto. Música, Materialidade e Relações de Gênero: Categorias Transbordantes. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, Aline. Expoente da nova música brasileira, Liniker quebra paradigmas apenas por se aceitar como é. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/expoente-da-nova-musica-brasileira-liniker-quebra-paradigmas-apenas-por-se-aceitar-como-e/>. Acesso em: (02 jun. 2017).

OLIVEIRA, Rebeca. Saiba mais sobre Daniel Ganjaman, produtor dos melhores discos do ano. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/12/27/interna_diversao_arte,562657/quem-e-daniel-ganjaman.shtml. Acesso em: (25 mai. 2017).

RUBIN, Gayle S. Pensando sobre sexo: Notar para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Florianópolis, 21, 1-81, 2003.

SILVEIRA, Igor. Produtor Marcelo Cabral alavanca carreiras de sucesso, como a de Criolo. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/10/26/interna_diversao_arte,395416/produtor-marcelo-cabral-alavanca-carreiras-de-sucesso-como-a-de-criolo.shtml. Acesso em: (25 mai. 2017).

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. Histórias Que Não Têm Era Uma Vez: As (In)Certezas da Transexualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2), 501-512, maio-agosto/2012.

TEIXEIRA, Rafael. As Bahias: “é bom perceber que nosso trabalho não foi apropriado por fascistas”. Disponível em: <http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2016/09/13/as-bahias-entrevista-fascistas-turne/>. Acesso em: (02 jun. 2017).

VENTUROZA, Isabela. Gênero, sexo e sexualidade. Disponível em: <http://sociologia.uol.com.br/genero-sexo-e-sexualidade/>. Acesso em: (22 mai. 2017).

Vídeos e Fonogramas

Conferência Magna Com Judith Butler | I Seminário Queer (Legendas em Português, Inglês e Espanhol). Disponível em: <https://youtu.be/ikLS0xMo-ZM>. Acesso em: (22 mai. 2017).

Mc Linn da Quebrada - Bixa Preta (Áudio Oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>. Acesso em: (22 mai. 2017).

Perfil de Daniel Ganjaman – Manos e Minas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UITx0cW1vM>. Acesso em: (26 mai. 2017).

Liniker canta sucesso de Chico Buarque. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5695447/>. Acesso em: (23 mai. 2017).

Liniker – Caeu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4WdTMSRd6a8>. Acesso em: (23 mai. 2017).

Liniker – Louise du Brésil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hqfv4Yabc40>. Acesso em: (23 mai. 2017).

Liniker – Zero. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M4s3yTJCcmI>. Acesso em: (23 mai. 2017).

Linn da Quebrada – blasFêmea. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ptoK2ODrEGI>. Acesso em: (26 mai. 2017).

Linn da Quebrada – blasFêmea | Mulher. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo&feature=youtu.be>. Acesso em: (26 mai. 2017).

Metrópolis : As Bahias e a cozinha mineira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h9H-gOO5894>. Acesso em: (02 jun. 2017).